



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

“Dois iguais, Dois diferentes?”
Diferenças e Semelhanças na Qualidade dos Comportamentos
Maternos e Paternos nas interações com os filhos.

Ana Rita Pitarra Amaral

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora:

Professora Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2017

Agradecimentos

À Professora Doutora Lígia, pela sua orientação, paciência, compreensão e dedicação. Obrigada, pela exigência e confiança que depositou no meu trabalho, pois permitiu que este projeto ambicioso se tornasse realidade.

À Casa da Nossa Senhora de Fátima, ao Colégio Colibri e ao Centro Social e Paroquial de Tercena, por terem aceitado o projeto de braços abertos bem como às crianças, pais e mães que aceitaram colaborar e o tornaram possível.

À Margarida Fialho e Teresa Mota, pela colaboração valiosa e por terem abdicado em parte do seu tempo para me ajudarem na análise dos dados.

À Mara Chora, por ser a minha “salvação” múltiplas vezes e por demonstrar que uma colega de trabalho pode rapidamente tornar-se numa grande amiga e por essa amizade, muito obrigada.

À Raquel, por ter sido o melhor que este mestrado me trouxe. Por ter ouvido as minhas preocupações e angústias, lembrando-me sempre das minhas capacidades e calma interior.

Ao meu melhor amigo de infância, Diogo Silva, pela amizade, pelos conselhos e por se voluntariar a ajudar-me em tudo o que fosse preciso.

Às minhas melhores amigas, Bárbara, Nair e Margarida, que apesar de longe, fazem tudo para estar perto. Obrigado pela amizade incondicional e por acreditaram em mim, quando eu própria tive as minhas dúvidas.

Aos meus queridos avós, tio e primos por se preocuparem comigo, por me fazerem rir nos momentos mais complicados e por acreditarem que eu seria capaz.

Às minhas duas maravilhosas tias, por saberem sempre o que dizer, na altura certa e por estarem sempre tão presentes e disponíveis para me ouvir.

À minha irmã e ao meu cunhado, pelas palavras encorajadoras e por me terem dado o melhor presente que poderia receber, a minha sobrinha.

À minha irmã de coração e ao meu irmãozinho mais novo, por terem acompanhado esta experiência de perto e por terem compreendido o porquê de às vezes não estar tão presente.

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

Ao meu Diogo, por ter sido e por continuar a ser o meu porto de abrigo. Por estar sempre lá, em todos os momentos quando precisei de desabafar e de um abraço apertado e aconchegado. Agradeço e Amo-te por isso.

À minha carinhosa mãe e ao meu dedicado pai, por serem as minhas “*bases seguras*”. Por me proporcionarem amor incondicional, carinho e segurança na minha “exploração” deste projeto e por o abraçarem como se fosse vosso também. Amo-vos muito e um obrigado nunca será suficiente para agradecer o que fazem por mim.

RESUMO

A qualidade dos comportamentos parentais, na interação com as crianças, é uma componente central da análise da parentalidade na primeira infância. As semelhanças e especificidades nos comportamentos de mães e pais têm sido extensamente investigadas não existindo, no entanto, consenso nos resultados obtidos. Este trabalho visou analisar e comparar a qualidade dos comportamentos maternos e paternos, numa amostra portuguesa de 36 mães e 33 pais de crianças em idade pré-escolar, controlando-se o sexo, idade da criança e variáveis sociodemográficas dos pais. Para tal utilizou-se um questionário sociodemográfico e a Tarefa dos Três Sacos, posteriormente codificada por observadores treinados e independentes, utilizando as escalas de Sensibilidade Parental de Ainsworth; de Presença de Suporte, Intrusividade, Clareza e Sensibilidade e Timing da Instrução de Egeland e colaboradores. Os resultados indicam que mães e pais apresentam comportamentos caracterizados pela Sensibilidade e Suporte, embora existam diferenças significativas entre ambos para a Sensibilidade, Intrusividade e Clareza na Instrução. Não existem diferenças em função do sexo das crianças ou associações com a idade das mesmas. As horas de trabalho encontram-se negativamente associadas à sensibilidade materna. Não existem associações significativas em nenhuma das dimensões analisadas ao nível da qualidade dos comportamentos parentais no casal. Os resultados obtidos indicam que mães e pais apresentam diferenças mas, também, semelhanças na qualidade dos seus comportamentos, equacionando-se o envolvimento paterno e as características dos pais como potenciais explicações para a sua disparidade.

Palavras-Chave: Qualidade dos comportamentos; Diferenças e Semelhanças; Mães e Pais; Crianças em idade pré-escolar;

2950 Conjugalidade e Família

2956 Educação e Cuidado Infantil

2970 Papéis de Género e Questões Femininas

ABSTRACT

The parental behaviors, on interactions with children, are a central component to inquire the quality of parenting in early childhood. The similarities and differences in the behaviors of mothers and fathers have been extensively investigated, not existing however, consensus in the results. Therefore, the quality of the maternal and paternal behaviors were compared and analyzed, in a Portuguese sample of 36 mothers and 33 fathers of preschool-aged children, accounting for sex, age of the child and socio-demographic variables of the parents. A demographic questionnaire was used, as well as The Three Bags Task, being subsequently codified by trained and independent observers and codified according to the scales of Parental Sensitivity by Ainsworth and Presence of Support, Intrusiveness, Clarity and Sensitivity and Timing of the Instruction by Egeland and colleagues. The results indicate that mothers and fathers display behaviors characterized by Sensitivity and Support. Although there are significant differences between them for Sensitivity, Intrusiveness and Clarity of Instruction. There are no differences according to sex of the child, or associations with the age of the child. Working hours are negatively associated with maternal sensitivity. There are significant differences between mothers and fathers for Sensitivity, Intrusiveness and Clarity in the Instruction. There are no significant associations in any of the dimensions analyzed regarding the quality of parental behaviors in the couple. The results indicate that mothers and fathers present differences as well as resemblances in the quality of their behaviors, considering the paternal involvement and parents characteristics as potential explanations.

Keywords: Behavior Quality; Similarities and Differences; Mothers and Fathers; Preschool-aged children.

2950 Marriage & Family

2956 Childrearing & Childcare

2970 Sex Roles & Women's Issue's

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1. O Sistema de Cuidados Parentais	3
1.2. A Qualidade dos Comportamentos	4
1.3. Diferenças e Semelhanças dos Comportamentos Parentais no feminino e masculino....	7
1.4. Objetivos.....	12
II. MÉTODO.....	13
2.1. Participantes.....	13
2.2. Instrumentos	13
2.3. Procedimento	15
III. RESULTADOS	17
3.1. Dimensões dos Comportamentos Maternos e Paternos.....	17
3.2. Variáveis da criança e dos Pais.....	18
3.3. Concordância no Casal	19
IV. DISCUSSÃO.....	21
BIBLIOGRAFIA	29

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 3.1. Médias, Desvio-padrão e Valores Máximos e Mínimos das Dimensões da Qualidade dos Comportamentos de Mães e Pais.....17

Quadro 3.2. Correlações do Coeficiente de Spearman entre as Dimensões da Qualidade dos Comportamentos Parentais.....18

Quadro 3.3. Médias das Dimensões dos Comportamentos de Mãe e Pai, em função do sexo da criança.....19

INTRODUÇÃO

De acordo com o “ciclo vital da família” (Carter & McGoldrick, 1999), o terceiro estágio corresponde à Família com crianças pequenas, sendo que com o nascimento do primeiro filho surge um conjunto de desafios e reorganizações ao nível do sistema marital, com o assumir de novas funções e comportamentos de modo acolher o novo membro. A reorganização ao nível emocional, cognitivo e comportamental da mulher e do homem origina novos comportamentos, com o objetivo final de proteger, cuidar e dar conforto ao bebé recém-nascido, levando o sistema parental a ajustar-se de forma a responder às exigências de uma criança dependente (George & Solomon, 2008).

Durante a primeira infância, a sensibilidade parental é tida como a dimensão central da parentalidade (Mesman & Emmen, 2013). Esta foi originalmente descrita como a capacidade dos pais detetarem os sinais do bebé, os interpretar corretamente e de lhes responder de forma apropriada e pronta (Ainsworth, 1999), estando associada ao desenvolvimento positivo da criança, em vários domínios, como a vinculação segura (Malmberg et al., 2016); a cognição e linguagem (Tamis-lemonda, Shannon, Cabrera, & Lamb, 2004) e a competência sócio-emocional (Leerkes, Nayena Blankson, & O’Brien, 2009). Para além da sensibilidade, existem outras componentes importantes dos comportamentos parentais, nomeadamente, o suporte, a (não) intrusividade e as instruções parentais, também elas associadas a resultados desenvolvimentais positivos para as crianças, ao nível cognitivo, social, emocional e académico (Dunst & Kassow, 2004; Lamb, 1977, 2012; Leerkes et al., 2009; Malmberg et al., 2016; Tamis-lemonda et al., 2004; World Health Organization, 2004).

Tradicionalmente, a investigação na área do desenvolvimento centrou-se essencialmente na figura materna, tida como a figura cuidadora primária. Contudo, e dadas as recentes mudanças sociais, económicas e políticas, verificou-se um progressivo reconhecimento da importância do pai para a educação e desenvolvimento da criança, mesmo durante os primeiros anos de vida (Lewis & Lamb, 2003). O crescente envolvimento paterno (Pleck, 2010) tem conduzido ao surgimento de estudos que procuram compreender as semelhanças e diferenças entre os comportamentos paternos e maternos, não só ao nível do tempo que mãe e pai passam com os filhos, mas em particular, do que fazem e da qualidade das interações nesse tempo (Barnett, Deng, Mills-Koonce, Willoughby, & Cox, 2008; Hallershaalboom et al., 2014; Kwon & Jeon, 2012; Malmberg et al., 2016). Os resultados destes estudos são, no entanto, inconsistentes, com estudos a indicarem os pais como menos sensíveis, mais intrusivos e menos competentes nas instruções dadas à criança (Barnett et al.,

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

2008; Hallers-haalboom et al., 2014) e outros a indicar valores de sensibilidade, suporte, intrusividade e competência na instrução, semelhantes às mães (Braungart-Rieker, Garwood, Powers, & Wang, 2001; Grossmann et al., 2002; Martin, Ryan, & Brooks-Gunn, 2010; Tamis-lemonda et al., 2004).

Apesar dos avanços verificados, continua a existir uma desproporcionalidade na representação dos pais nos estudos sobre a parentalidade, não equacionando, muitas vezes, o contexto de interação tradicionalmente mais associado aos pais, designadamente o contexto de brincadeira, seguindo a sugestão de Grossmann et al., (2002) da importância do pai como base segura para a exploração. Como, também, a idade da criança, indicando os estudos que os pais se envolvem mais à medida que as crianças crescem e apresentam mais competências de interação (LaFreniere, 2010; Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa, 2010; Yeung, Sandberg, Davis-Kean, & Hofferth, 2001). Estas são variáveis importantes na compreensão das semelhanças e diferenças na qualidade dos comportamentos de mães e pais.

Outro aspecto a salientar é a tendência de estudos, nomeadamente, com amostras portuguesas se focarem apenas em dimensões específicas, não avaliando a qualidade dos comportamentos, de modo holístico, e centrando-se na qualidade da vinculação da criança às figuras parentais (e.g., Faria, dos Santos, & Fuertes, 2014; Fuertes, Faria, Beeghly, & Lopes-Dos-Santos, 2015; Grossmann et al., 2002; Hallers-haalboom, Mesman, & Groeneveld, 2015; Lamb, 2010; Monteiro, Veríssimo, et al., 2010).

Neste sentido, o presente trabalho teve como objectivo analisar e comparar a qualidade dos comportamentos de mães e pais em diferentes dimensões: a sensibilidade, o suporte, a intrusividade e instrução dadas, durante uma atividade lúdica semiestruturada, numa amostra portuguesa de famílias nucleares, incluindo díades mãe/criança e pai/criança, estas últimas com idade pré-escolar. Dado 77% da amostra ser constituída por casais, será possível analisar a concordância dos comportamentos ao nível de mãe/pai da mesma criança.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. O Sistema de Cuidados Parentais

O sistema de cuidados parental em si, emerge e organiza-se aquando do nascimento do primeiro filho, sendo descrito por Bowlby (1984) como uma rede de emoções, cognições e comportamentos inter-relacionados, e guiados pela predisposição biológica para cuidar e proteger a criança sendo "...até certo ponto, pré-programado" (p. 271). Este sistema implica um repertório de comportamentos, visando a promoção de proximidade e de conforto e cujo objectivo final é proteger e cuidar da criança, como forma de garantir a sua sobrevivência e bem-estar. Exemplos desses comportamentos são "chamar", "alcançar", "compreender", "sorrir", "embalar" e "tranquilizar" que são organizados internamente, em função das representações internas que os pais possuem sobre a parentalidade, assentes nas suas experiências de vinculação anteriores que se refletem nos comportamentos interativos (na sua qualidade) e de cuidado à criança (Bornstein, 2002; George & Solomon, 2008; World Health Organization, 2004).

Como todos os sistemas biológicos, o sistema de cuidados é ativado por sinais internos ou externos associados a situações que os pais percecionam como perigosas, assustadoras ou stressantes para a criança. São exemplos disso situações de separação que coloquem a criança em perigo ou em que sejam claros os sinais de desconforto ou agitação da mesma (George & Solomon, 2008). Aquando da ativação do sistema, os pais têm que decidir, como agir seleccionando os seus comportamentos com base na avaliação consciente e inconsciente da situação. Esta decisão implica que equacionem, não só, os sinais da criança como a sua própria percepção de perigo/ameaça e o contexto onde ocorre, seleccionando posteriormente a resposta/comportamento mais adequado. O sistema é desativado quando os pais ativam e utilizam os comportamentos para atingir o objetivo de proteção da criança e quando esta transmite sinais de que as respostas foram eficazes no restabelecer da hemóstase do sistema, ou seja, que está tranquila (George & Solomon, 2008).

Embora os comportamentos parentais se organizem nos primeiros meses de vida do bebé num sistema de cuidados parentais, estes podem assumir outras funções servindo diferentes sistemas cujos objectivos se vão ajustando e diversificando com o crescimento da criança (Barnard & Solchany, 2002; Bornstein, 2002; Parke, 2002; Grossman, Grossman, Kindler, & Zimmermann, 2008).

A qualidade dos comportamentos parentais é fundamental para a organização do sistema de vinculação da criança, sendo estes recíprocos e complementares (Bowlby, 1982).

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PTERNOS

Quando a criança procura proximidade e proteção junto da sua figura de vinculação, em contextos naturais e normativos será expectável que esta providencie proteção, conforto e cuidados à criança (George & Solomon, 2008).

Para além da função de segurança e proteção da criança (porto de abrigo) o cuidador funciona, também, como uma base segura a partir da qual a criança pode explorar o meio. Neste sentido, as necessidades de exploração do ambiente físico e social e o suporte fornecido a estas atividades tornam-se igualmente importantes (Bowlby, 1982; Grossman et al., 2008; Lafreniere, 2010). À medida que a criança cresce e enfrenta novas tarefas de desenvolvimento, os cuidadores têm que ajustar os seus comportamentos, o que implica desafios e novas exigências para os próprios pais. Segundo Grossman et al. (2008) os cuidadores têm de ter a capacidade de se mostrar disponíveis e acessíveis, suscitar confiança à criança, promover a exploração e o desenvolvimento de novas competências de forma confiante, atenta e versátil, transmitindo-lhe que quando ela necessitar de proximidade e conforto poderá pedir ajuda e regressar a “porto-seguro”.

1.2. A Qualidade dos Comportamentos

A qualidade dos comportamentos parentais nas respostas emocionais e comportamentais à criança implica, segundo Bowlby (1969), que se construa um padrão de respostas confiáveis, prontas e apropriadas aos sinais das crianças. Neste contexto, a noção de sensibilidade parental é central para a parentalidade e desenvolvimento da criança, na primeira infância (Mesman & Emmen, 2013), assim como para além desta (Beijersbergen, Juffer, Bakermans-Kranenburg, & IJzendoorn, 2012; Raby, Lawler, Shlafer, & Hesemeyer, 2016; Raby, Roisman, Fraley, & Simpson, 2015).

Central para a definição e operacionalização deste conceito foi o trabalho desenvolvido por Ainsworth, Blehar, Waters, e Wall (1978). Sendo originalmente descrita como a capacidade do adulto de detetar os sinais implícitos nos comportamentos e comunicações da criança, interpretá-los corretamente e responder-lhes de forma adequada e pronta, esta capacidade integra quatro componentes para avaliar a qualidade da resposta do adulto face a esses sinais da criança. A referir: (1) a atenção aos sinais, que remete para o quão atento o cuidador está para os sinais emitidos pela criança; (2) a sua correta interpretação; (3) a resposta adequada; e (4) a prontidão da resposta, que remete para a sua contingência aos sinais e necessidades expressos pela criança (Ainsworth et al., 1978). Assim, pais com elevados níveis de sensibilidade caracterizam-se por serem atentos aos sinais da

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

criança, respondendo-lhe de modo adequado e prontamente. São capazes de compreender as situações adotando o ponto de vista da criança, e por isso interpretam corretamente o significado, mesmo dos sinais mais subtis emitidos pela criança sendo a sua resposta contingente aos seus comportamentos e/ou verbalizações (Ainsworth, 1999). A sensibilidade é um constructo que tende a estar sistematicamente associado a resultados positivos e adaptativos do ponto de vista do desenvolvimento em vários domínios, nomeadamente, com o estabelecimento de uma vinculação segura à figura parental (e.g., Malmberg et al., 2016; ver Wolff & Ijzendoorn, 1997); o desenvolvimento da cognição e linguagem (e.g., Tamis-lemonda et al., 2004) e da competência sócio-emocional das crianças (e.g., Leerkes et al., 2009).

Apesar da centralidade dada à sensibilidade, os comportamentos parentais não se esgotam na mesma. A presença de suporte na interação com a criança é, também, uma dimensão importante a considerar. Esta remete para a medida em que os pais se demonstram atentos, disponíveis e acessíveis e apoiam os esforços da criança, durante a exploração (Matas, Arend, & Sroufe, 1978). Considerando o desenvolvimento da criança, esta dimensão assume maior relevância a partir do segundo ano de vida, implicando: a capacidade dos pais de fornecer segurança e conforto de modo a que a criança se sinta confiante nas suas capacidades; e o manter-se envolvido, de modo atento, nas atividades que a criança realiza (Egeland et al., 1990; Grossmann et al., 2002; Matas et al., 1978). Pais cuja presença de suporte é elevada tendem a reconhecer os esforços da criança, a incentiva-la na sua exploração utilizando suporte emocional positivo (e.g. elogiar e reforçar a criança) e a transmitir proximidade e confiança através de suporte físico (e.g., aproximar-se fisicamente da criança) (Egeland et al., 1990; Grossmann et al., 2002; Posada et al., 2002). Devido ao suporte prestado pelos pais nas tarefas que as crianças não conseguem ainda realizar autonomamente, estes são percecionados como facilitadores não só do desenvolvimento da criança, como da sua autonomia e confiança nas suas próprias capacidades. Como tal, esta dimensão encontra-se associada ao aumento do funcionamento autónomo da criança (Matas et al., 1978) e ao seu desenvolvimento ao nível cognitivo e sócio-emocional no segundo e terceiro ano de vida (e.g., Martin et al., 2010; Matas et al., 1978; Tamis-lemonda et al., 2004) bem como à competência social, sendo a brincadeira entre pai e criança fundamental neste aspecto, permitindo à criança desenvolver a sua regulação emocional e capacidade de resolução de conflitos; e à prontidão escolar e competência académica entre a idade pré-escolar e escolar (Martin et al., 2010).

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

A intrusividade parental (que poderá ser baixa ou elevada) é, outra componente dos comportamentos parentais. Esta remete para comportamentos por parte do cuidador que interferem na atividade da criança, e que demonstram desrespeito pela sua autonomia, desejos, interesses e comportamentos (Ainsworth et al., 1978; Isabella, Belsky, & von Eye, 1989; Ispa et al., 2004). Pais cujo nível de intrusividade é elevado tendem a colocar os seus desejos e interesses em primeiro lugar, enquanto interagem com a criança, não detetando os seus sinais no sentido de a acalmar ou para se afastar, levando a comportamentos desajustados, como por e.g., sobre-estimulação ou a interrupção da criança durante a interação ou realização de um atividade em que ela se encontra investida (Ainsworth et al., 1978; Egeland et al., 1990; Ispa et al., 2004). Tendencialmente, a intrusividade encontra-se associada negativamente ao desenvolvimento cognitivo e sócio-emocional da criança, a resultados académicos mais baixos na idade escolar (Cabrera, Shannon, & Tamis-LeMonda, 2007; Tamis-lemonda et al., 2004) e positivamente a um menor envolvimento da criança com a figura parental que apresenta consistentemente este tipo de comportamentos e a um padrão de vinculação inseguro (ambivalente ou evitante) (e.g., Ainsworth & Wittig, 1969; Ainsworth et al., 1978; Ispa et al., 2004)

A capacidade dos pais de fornecerem instruções úteis e adequadas à criança, e que facilitem a resolução de potenciais problemas que possam surgir durante as interações, é outra componente a considerar (Egeland et al., 1990; Gauvain, Fagot, Leve, & Kavanagh, 2002). Estas instruções são, particularmente, importantes para as interações que implicam tarefas de resolução de problemas, sendo o papel dos pais, adaptar as tarefas ao estágio de desenvolvimento da criança, monitorizando o seu progresso e mantendo-se atento aos sinais de dificuldade que a criança possa transmitir (Gauvain et al., 2002). Assim, uma figura parental competente neste âmbito será capaz de compreender as exigências da tarefa, explicar à criança de modo simples e útil o objetivo da tarefa e ajustar as exigências (e.g., dividir a tarefa em partes menores) e as suas instruções e sugestões às competências da criança (Egeland et al., 1990; Pratt, Kerig, Cowan, & Cowan, 1988). Esta componente encontra-se empiricamente associada ao desenvolvimento social, cognitivo, à motivação e tolerância à frustração na resolução de problemas, em particular, na primeira infância (e.g., Devlin, 2012; Gauvain et al., 2002; Pratt et al., 1988).

Os comportamentos parentais e, nomeadamente, a variabilidade na sua qualidade devem ser considerados de um modo integrado, no sentido de uma compreensão mais ajustada do desenvolvimento da criança (Alves, Fuertes, & Sousa, 2015; ver Dunst &

Kassow, 2004; Fuertes et al., 2015; Lamb, 1977, 2012; Leerkes et al., 2009; Malmberg et al., 2016; Rubin & Parker, 2006; Tamis-lemonda et al., 2004; World Health Organization, 2004).

1.3. Diferenças e Semelhanças dos Comportamentos Parentais no feminino e masculino

Ao longo dos tempos as mães foram sempre consideradas as principais figuras cuidadoras, tendo um papel central na educação das crianças, bem como na gestão familiar, enquanto aos pais era atribuído o papel de suporte financeiro da família. Face à diferenciação clara de papéis, baseada no género, durante décadas a investigação nos primeiros anos de vida focou-se, essencialmente, na influência dos comportamentos maternos na criança, em detrimento do papel de um pai menos envolvido (Lamb, 2010; Lewis & Lamb, 2003; Wall, 2015). Resultado das transformações socioeconómicas ocorridas nas últimas décadas, o papel do pai no contexto familiar e em particular na vida da criança, tem vindo progressivamente a alterar-se, com um crescente número de investigações a analisar o papel do pai no desenvolvimento da criança, para além do da figura materna (van Ijzendoorn, Sagi, & Lambermon, 1975; Lamb, 1977, 2010; Tamis-lemonda et al., 2004). Contudo, parece não existir consenso relativamente aos aspectos comuns e específicos aos comportamentos maternos e paternos, quer ao nível quantitativo, quer qualitativo (Hallers-haalboom et al., 2014; Hallers-haalboom, Mesman, & Groeneveld, 2015; Lewis & Lamb, 2010), e do seu impacto no desenvolvimento da criança.

Diversos estudos indicam que mães e pais apresentam comportamentos semelhantes nas interações com os filhos, como encorajar à exploração do ambiente, responder aos seus sorrisos e choros, falar devagar, utilizar frases curtas e ajustar os seus próprios comportamentos consoante o estágio de desenvolvimento da criança. No entanto, o tempo e os contextos em que estas interações ocorrem tendem a ser identificados como distintos na literatura (Tamis-lemonda, Shannon, Cabrera, & Lamb, 2004; Lamb, 2010; Pleck, 2010).

Modo geral as mães passam mais tempo com os seus filhos, comparativamente com os pais, havendo dados que indicam que estes passam 20% a 40% menos tempo com os filhos, (Yeung et al., 2001). Também, no contexto português, se verifica essa tendência, passando os pais cerca de 2 horas e 14 minutos diariamente na prestação de cuidados às crianças, sendo o tempo das mães superior, passando em média 3 horas e 6 minutos na mesma tarefa (Perista, Cardoso, Brázia, Abrantes, & Perista, 2016).

Relativamente ao tipo de contextos e atividades realizadas, as mães são tradicionalmente mais associadas ao contexto de cuidados, ao carinho e ao conforto da

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

criança. Contudo, o seu tempo de interação com os filhos é proporcionalmente semelhante quer no contexto de brincadeira, quer no contexto de cuidados. Contrariamente, os pais tendem a passar a maioria do seu tempo de interação com os filhos, em contexto de brincadeira, desafiando-os e incentivando-os na sua exploração e delegando as tarefas de cuidados físicos para as mães (Grossmann et al., 2002; Grossman et al., 2008; Hallers-haalboom et al., 2014; Lamb & Lewis, 2010; Lamb, 2010; Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008; Schoppe-Sullivan, Kolita, Rongfang, Lang, & Bower, 2013).

Similarmente, dados portugueses indicam que as mães tendem a passar mais tempo a interagir com as crianças, quer na prestação de cuidados físicos e.g., dar banho e refeições, quer em atividades lúdicas e.g., brincar, ler e conversar, passando respetivamente, 1 hora e 44 minutos e 1 hora e 22 minutos envolvidas nestas tarefas, diariamente. Comparativamente, nos mesmos domínios, os pais passam em média 1 hora e 11 minutos na prestação de cuidados físicos e 1 hora e 6 minutos em atividades lúdicas com a criança (Perista et al., 2016). Porém, alguns estudos que analisam o envolvimento do pai, comparativamente, com a mãe em atividades de cuidados e brincadeira, verificam que os pais participam de modo igualitário na brincadeira e atividades de lazer no exterior, sendo quase sempre a mãe a realizar as atividades de cuidados e de gestão das rotinas familiares (Monteiro et al., 2008; Monteiro, Fernandes, et al., 2010; Novo & Prada, 2015; Pimenta et al., 2010; Torres, Verissimo, Monteiro, Ribeiro, & Santos, 2014).

Em termos da qualidade dos comportamentos parentais, os resultados dos estudos são inconsistentes, ainda que as dimensões da qualidade dos comportamentos maternos e paternos pareçam contribuir de forma semelhante para o desenvolvimento da criança (Barnett et al., 2008; Brown, McBride, Shin, & Bost, 2007; Malmberg et al., 2016). Relativamente ao constructo da sensibilidade existem estudos que identificam as mães como mais sensíveis que os pais. Por exemplo, Barnett et al., (2008) constataram que as mães tendem a apresentar valores mais elevados de sensibilidade, comparativamente com os pais, em contexto de brincadeira livre, com os seus bebés de 6 meses. Hallers-haalboom et al. (2014) analisaram famílias nucleares, com dois filhos, observando que as mães são mais sensíveis, do que os pais, com ambas as crianças. Fuertes, Faria, Beeghly e Lopes-Dos-Santos (2015) reportaram resultados semelhantes, numa amostra portuguesa, ao analisarem os comportamentos de mães e pais, em contexto de brincadeira livre, com bebés, aos 9 e 15 meses de idade. No entanto, estes autores indicam que as diferenças poderiam estar relacionadas com o tipo de medida de sensibilidade utilizada, desenvolvida para analisar a interação entre mãe e criança, podendo por isso ocultar as especificidades da sensibilidade paterna e da relação pai-criança.

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PTERNOS

Grossmann et al. (2002) sugerem a ideia de sensibilidade no contexto da brincadeira, como uma característica particular da sensibilidade paterna. A sensibilidade na brincadeira remete para a capacidade do pai fornecer segurança, através de suporte sensível e desafiante, acompanhando a criança na sua exploração do meio, sendo visto como complementar ao papel contendor e cuidador característico da mãe. A maioria dos estudos que utilizam medidas pensadas para avaliar a sensibilidade materna ou que analisam as interações em contextos de cuidados, colocam à partida os pais em desvantagem (Grossmann et al., 2002). No estudo de Alves et al. (2015) que analisa uma amostra portuguesa de díades mãe/criança e pai/criança (15 meses) em contexto de jogo livre, constata que os pais passam mais de metade do seu tempo de brincadeira a acompanhar a criança na sua exploração, enquanto as mães passam ligeiramente menos tempo nessa tarefa, dedicando-se a organizar o ambiente das crianças (e.g. expor os brinquedos, monta-los e desmonta-los para que a criança saiba de que brinquedo se trata).

A idade das crianças, aquando das observações das interações entre figuras cuidadoras e criança poderá ser um fator que contribui para a explicação das diferenças encontradas na sensibilidade materna e paterna. Tendo em conta que as figuras parentais devem ajustar os seus comportamentos, ao crescimento da criança, de modo a responder às necessidades e interesses específicos de cada estágio de desenvolvimento, a análise da sensibilidade nas interações com bebés e crianças mais velhas e.g. idade pré-escolar, pode ser distinta. Enquanto as necessidades de um bebé são orientadas para a procura de proximidade e conforto junto do cuidador, as crianças em idade pré-escolar demonstram já uma maior necessidade de exploração do ambiente que as rodeia, suscitando diferentes comportamentos por parte do cuidador (Carter & McGoldrick, 1999). Tendo em consideração que os pais tendem a estimular mais, a ser mais desafiantes e a incentivar comportamentos de exploração, é na idade pré-escolar que os pais assumem um papel saliente de parceiro de interação e, em que os seus comportamentos sensíveis poderão ser mais proeminentes, fornecendo a segurança necessária às crianças em situações não-familiares (Carter & McGoldrick, 1999; Grossmann et al., 2002; LaFreniere, 2010). Deste modo, torna-se pertinente analisar os comportamentos dos pais em contextos que suscitem o factor “novidade” à criança, e nas idades em que esta característica será mais saliente, como na idade pré-escolar (Grossmann et al., 2002; Hallers-haalboom, Mesman, Groeneveld, Berkel, et al., 2015).

Contrariamente aos estudos apresentados, Braungart-Rieker et al. (2001) não encontraram diferenças na média da sensibilidade de mães e pais avaliados em interações

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

face-a-face com os seus bebés de 4 meses. Numa amostra com crianças de 24 meses e 36 meses, Tamis-Lemonda et al. (2004) constataram que os pais são cuidadores igualmente sensíveis, ao analisar díades, em contexto de brincadeira semiestruturada. No estudo longitudinal de Grossman et al. (2002), a sensibilidade de mães e pais foi analisada aos 24 meses, durante uma sessão de brincadeira livre com materiais não familiares, e aos 6 anos numa tarefa de resolução de problemas, não tendo diferido significativamente. No mesmo sentido Figueiredo, Mateus, Osório e Martins (2014) também não reportaram diferenças ao nível da sensibilidade materna e paterna numa amostra com crianças de 4 anos, salientando, no entanto, que os comportamentos de pais e mães apresentavam valores de sensibilidade médios a elevados.

Relativamente ao suporte parental, Martin et al. (2010) verificaram numa amostra de 723 crianças, com 54 meses de idade, em interações semiestruturadas, com o pai (durante uma visita domiciliária), e com a mãe (durante uma visita laboratorial), que a média dos valores de suporte não diferem para ambas as figuras. Cabrera et al., (2007) corroboram estes dados, tendo observado díades em contexto de brincadeira semiestruturada, aos 2 e 3 anos da criança e aquando da entrada no pré-escolar, não tendo obtido diferenças significativas ao nível do suporte materno e paterno. Alves et al. (2015) analisaram díades de mãe/criança e pai/criança (de 15 meses) em contexto de jogo livre, verificando que ambos os pais passam $\frac{1}{4}$ do tempo de brincadeira, a reforçar positivamente os seus filhos. Fernandes (2015) verificou que a qualidade interativa caracterizada pela empatia, desafio, atenção, reciprocidade, cooperação e comunicação, era semelhante entre díades mãe-criança e pai-criança, durante uma situação experimental lúdica.

Em contraste, Gauvain et al. (2002) reportam valores superiores de suporte positivo dos pais, face às mães, em interações com crianças de 5 anos. Contrariamente, Castro (2015), verificou que a qualidade do suporte das mães em interação com os seus filhos (aos 15 meses) era superior à dos pais, indicando que as mães tendem a elogiar e reforçar mais os esforços dos filhos, demonstrando mais comportamentos positivos comparativamente aos pais.

Na dimensão da intrusividade parental, os resultados são pouco claros e dispersos, existindo, no entanto, a tendência na literatura de identificar os pais como mais intrusivos, comparativamente às mães. Barnett et al. (2008) reportam valores mais elevados de intrusividade dos pais, observados em contexto de brincadeira livre com os seus bebés. Hallers-haalboom et al. (2014) indicam que os pais tendem a ser mais intrusivos, com os filhos, comparativamente com as mães. No mesmo sentido, Leaper, Anderson e Sanders, (1998) verificaram que os pais utilizam mais discurso diretivo, colocam mais perguntas e

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

fazem mais pedidos aos filhos, comparativamente com as mães, o que sugere que são mais orientados para o objetivo da tarefa, podendo este tipo de discurso interferir de forma intrusiva, nas atividades das crianças.

Contudo, Brown et al. (2007) não reportaram diferenças ao nível da intrusividade de pais e mães, analisados individualmente em contexto de brincadeira livre. No mesmo sentido, Tamis-lemonda et al., (2004) indicam que os pais não apresentam comportamentos intrusivos ou negativos em maior proporção do que as mães. Braungart-Rieker et al., (2014) reportam a inexistência de diferenças na intrusividade materna e paterna, analisadas no paradigma “*Still-Face*”, com bebés aos 3, 5 e 7 meses. Numa amostra com famílias portuguesas, Fuertes et al. (2015) não encontraram diferenças ao nível da intrusividade materna e paterna.

Os estudos relativos à capacidade de instrução dos pais são, também, inconsistentes e poucos analisam a qualidade da competência e das instruções dadas. O estudo de Gauvain et al. (2002) analisou 163 crianças de 5 anos, em interação diádica com pais e mães, em dois momentos diferentes, com recurso a tarefas familiares e não familiares à criança, classificando as mães como mais competentes nas instruções dadas bem como, em adaptar as tarefas à competência e desenvolvimento da criança. Leaper et al. (1998) indicam que os pais fazem mais perguntas e utilizam um discurso mais diretivo com as crianças, podendo interferir na atividade, considerando, ainda, uma interação entre a componente da intrusividade e da competência na instrução. Por outro lado, Alves et al. (2015) identificaram especificidades na competência de fornecer instruções de mães e pais, sendo que as primeiras utilizam mais comportamentos verbais e estruturam mais o ambiente do jogo, enquanto os pais dão mais instruções sobre o funcionamento dos brinquedos e utilizam mais comportamentos não-verbais. A utilização de menos comportamentos verbais, por parte dos pais, poderá ser uma característica não-intrusiva dos seus comportamentos e da sensibilidade paterna. Esta suposição assenta no pressuposto de que a redução da atividade verbal entre a díade pode facilitar a deteção dos sinais de interesse da criança, permitindo aos pais seguir esses mesmos interesses, agindo como facilitadores da sua exploração do meio. Tal resultado, sugere a possibilidade de que pais, cuja competência na instrução possa apresentar valores mais baixos, possam ser percecionados como mais sensíveis e menos intrusivos.

Carvalho et al. (2012) salientam, também, as interações entre as três dimensões ao nível da qualidade dos comportamentos maternos, classificando as mães com maior capacidade de adaptar os seus comportamentos na tarefa, como mais sensíveis e menos intrusivas, dado que as instruções sensíveis requererem que as mães modifiquem as suas intervenções e comunicações, consoante o desempenho da criança. Tal implica a capacidade

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

por parte destas de analisar o desempenho da criança, bem como, os sinais que ela transmite e responde de forma contingente e concordante com os mesmos, algo em que as mães e pais menos sensíveis poderão ter maior dificuldade. Também, as chamadas de atenção, pedidos e perguntas que as mães e pais fazem às crianças, poderão interferir na sua atividade, interrompendo a exploração da criança e como tal, uma maior competência na instrução pode encontrar-se associada a valores mais elevados de intrusividade (Carvalho et al., 2012; Leaper et al., 1998).

Alves et al. (2015) referem, no entanto, que apesar de pequenas diferenças, ambos os pais dão indicações sobre como realizar as tarefas, corrigem os erros dos filhos e modelam as suas ações para as crianças, de modo a aumentar o seu sucesso na realização das tarefas, sendo por isso igualmente competentes a instruir e auxiliar a criança. Pratt, Kerig, Cowan e Cowan (1988) classificaram ambos os pais como sensíveis e competentes ao ajustar as suas instruções à competência dos seus filhos de 3 anos, em interação diádica, ao longo de três tarefas distintas. Numa análise centrada na linguagem e comportamentos verbais utilizados por ambos os pais, Castro (2015) sugere que mães e pais são igualmente competentes a dar instruções às crianças. Salientando que, quanto mais as mães apresentam determinados comportamentos (e.g. elogiar/ reforçar os filhos), mais os pais tendem a apresentá-los também, verificando-se o mesmo para os pais face às mães.

1.4. Objetivos

O presente trabalho teve como objetivo analisar e comparar, numa amostra de famílias nucleares portuguesas, a qualidade dos comportamentos de mães e pais em diferentes dimensões: a sensibilidade, o suporte, a intrusividade e instruções dadas, no contexto de uma atividade lúdica, semiestruturada, com crianças em idade pré-escolar. Dado que 30 destes pais eram casais será possível analisar a concordância dos comportamentos no casal. São, também, controladas as variáveis sociodemográficas de crianças e pais.

II. MÉTODO

2.1. Participantes

Participaram neste estudo 36 mães e 33 pais de famílias nucleares portuguesas, e dos quais 30 eram casais. As mães tinham idades compreendidas entre os 24 e os 44 anos ($M = 35,81$, $DP = 4,33$) e os pais tinham idades compreendidas entre 28 e 50 anos ($M = 37,55$, $DP = 4,65$). As habilitações literárias das mães variavam entre os 6 e os 21 anos de escolaridade ($M = 15,08$, $DP = 3,25$) e as dos pais, entre os 6 e 21 anos de escolaridade ($M = 13,24$, $DP = 3,36$). As mães e pais trabalhavam em média, respectivamente, 36 e 40 horas semanais ($DP = 7,36$ e $DP = 6,19$). Quanto às crianças, 22 eram do sexo masculino e 17 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 36 e os 75 meses ($M = 52,55$, $DP = 9,91$). Estas frequentavam colégios de ensino privado com fins lucrativos e Instituições Particulares de Solidariedade Social nos concelhos de Lisboa, Peniche, Torres Vedras, Oeiras, Sintra e Cascais. Tratou-se de uma amostra por conveniência. O rendimento mensal das famílias variava entre os 500 e os 5200 euros ($M = 1817,50$, $DP = 914,58$).

2.2. Instrumentos

Ficha de dados sociodemográficos.

Foi utilizada uma ficha de dados sociodemográficos para a recolha da informação do agregado familiar (e.g. sexo e idade da criança, idade, habilitações literárias e situação profissional dos pais) (Veríssimo, s.d.).

Tarefa dos Três Sacos.

A análise da qualidade dos comportamentos parentais foi realizada com base na Tarefa dos Três Sacos (Brady-Smith, O'Brien, Berlin, & Ware, 1999). Esta é uma atividade semiestruturada, gravada, que permite a análise das interações entre pai/mãe e a criança ao nível dos comportamentos e emoções dos participantes. Ou seja, permite consoante os objetivos do estudo analisar comportamentos e emoções da figura parental e/ou da criança. A atividade tem a duração de 15 minutos, nos quais pai/mãe e criança podem utilizar três brinquedos diferentes, nomeadamente uma figura para construção, puzzles e um livro, seguindo a numeração colocada nos sacos (“1”, “2”, “3”).

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

Neste estudo foram utilizadas as escalas de Sensibilidade Parental (Ainsworth, 1999) e de Presença de Suporte; Intrusividade; Clareza na Instrução; Sensibilidade na Instrução (Egeland et al., 1990).

(1) A escala de sensibilidade parental, diz respeito à acessibilidade por parte da mãe/pai, atenção aos sinais da criança e a interpretação e resposta aos mesmos, sendo cotada numa escala de 1 a 9, sendo que o valor um corresponde a um pai tendencialmente insensível, caracterizado por ignorar e/ou não ser contingente aos sinais da criança e o valor nove corresponde a um pai altamente sensível que se caracteriza como sensível, responsivo e contingente aos sinais da criança (Ainsworth, 1999).

(2) A escala de presença de suporte remete para a capacidade de mãe/pai fornecer suporte emocional, expressar afeto positivo e encorajar a criança a explorar, durante a interação. É cotada numa escala de 1 a 7, em que o valor um representa pais que não providenciam suporte, estão indisponíveis ou são hostis para com a criança, e o valor sete representa pais que fornecem suporte, quer pela sua disponibilidade, quer pelo apoio emocional e confiança demonstrada nas capacidades da criança durante a tarefa.

(3) A escala de intrusividade parental remete para o desrespeito pela independência da criança e pela interferência nos seus desejos, interesses ou comportamentos. É cotada numa escala de 1 a 7, em que o valor um remete para um nível de intrusividade baixo, representando pais que permitem que a criança brinque ao seu próprio ritmo e que resolva os problemas de forma autónoma, intervindo apenas quando necessário e o valor sete, que remete para um nível de intrusividade elevado representando pais, cujos comportamentos são centrados em si próprios, em detrimento da criança, não permitindo que a mesma resolva os problemas que surgem de forma autónoma e interferindo na exploração da criança, de forma inapropriada.

(4) A escala de clareza na instrução diz respeito à capacidade dos pais em dar instruções e feedback apropriado, de forma a facilitar a resolução de problemas e de modo a que a criança compreenda o objetivo final da tarefa. É cotada numa escala de 1 a 7, em que o valor um, representa pais, cujas instruções são inexistentes, inapropriadas ou que não se envolvem na tarefa com a criança e o valor sete, que remete para pais, cujas instruções são claras e úteis para a criança e permitem o seu sucesso na realização da tarefa.

(5) A escala relativa à sensibilidade de instrução, refere-se à ao *timing*, coordenação e contingência das pistas dadas pelos pais em respostas aos esforços e ações da criança durante a tarefa. É analisada numa escala de 1 a 7, sendo o valor um representativo de pais insensíveis aos comportamentos da criança durante a tarefa, caracterizados por não providenciar

indicações, ou por não serem contingentes aos comportamentos, enquanto o valor sete, remete para pais sensíveis aos comportamentos, que providenciam pistas contingentes e combinando o seu *timing* com o dos comportamentos da criança (Egeland et al., 1990).

2.3. Procedimento

A presente investigação integra-se num projeto mais amplo denominado por “Dad’s Involvement: is it just “cool and trendy” or does it really matter?” coordenado pela Prof.^a Lígia Monteiro e aprovado pela Comissão de Ética do ISCTE-IUL. Os dados foram recolhidos entre 2013 e 2017.

Após um primeiro contacto com as escolas, foram realizadas reuniões com os respetivos Diretores, no sentido de serem explicados os objetivos e procedimento do estudo. No seguimento da assinatura do consentimento informado por parte do Diretor, foram enviados para os pais das crianças, a frequentar o pré-escolar, os consentimentos informados a pedir autorização para a sua participação.

As mães preencheram a Ficha de Dados Sociodemográficos, posteriormente, devolvida às educadoras em envelope fechado, e entregue a um assistente de investigação.

Apenas para os pais que deram o seu consentimento, foram realizados contactos telefónicos, no sentido de agendar a realização da tarefa dos três sacos com as mães e pais. De modo a controlar possíveis efeitos de ordem, agendou-se a tarefa primeiro com as mães em metade da amostra, e na outra metade, primeiro com os pais. O intervalo entre as duas observações foi no mínimo de três semanas. As tarefas foram realizadas em salas disponibilizadas pelas escolas, num ambiente tranquilo e sem interrupções. As mães/pais foram recebidos e encaminhados para a sala juntamente com a criança, onde lhes foi pedido que se sentassem do lado esquerdo e a criança do lado direito numa mesa adequada à altura da criança. No início da atividade foi-lhes explicado que teriam 15 minutos para que a criança brincasse com os três brinquedos e que a única regra que teriam de cumprir seria utilizar os brinquedos pela ordem numérica dos sacos. Foi-lhes indicado que os investigadores dariam um toque na porta quando a atividade estivesse a metade do tempo (7 minutos). Em momento algum, os pais foram instruídos para brincar com a criança, de modo que a decisão de participar na brincadeira (ou não), fosse tomada de forma autónoma. As tarefas foram realizadas por assistentes de investigação previamente treinados.

Os codificadores dos vídeos foram treinados por um investigador com treino prévio na tarefa e nas escalas de Ainsworth, (1999) e Egeland et al. (1990). O treino foi efetuado

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNNOS E PATERNNOS

utilizando 12 vídeos codificados individualmente e depois discutidos. Todos os desacordos acima de 1,5 pontos na escala de Ainsworth (1999) e de 1 ponto nas escalas de Egeland et al. (1990) foram analisados e discutidos até se atingirem níveis de acordo satisfatórios.

Uma equipa de seis codificadores independentes analisou as interações. Em 26% da amostra os dois codificadores que analisaram as díades mãe/criança foram diferentes dos que analisaram as díades pais/crianças. Nas restantes díades pelo menos um dos observadores não tinha informação sobre os sujeitos em análise. Em situações de desacordo as cotações foram analisadas e discutidas até se atingirem níveis de acordo satisfatórios. Para as mães a concordância inter-codificadores foi em média .88 para a Sensibilidade Parental; .81 para a Presença de Suporte; .87 para a Intrusividade; .80 para a Clareza na Instrução; e .82 para a Sensibilidade na Instrução. Para os pais a concordância inter-codificadores foi em média .88 para a Sensibilidade Parental; .78 para a Presença de Suporte; .72 para a Intrusividade; .77 para a Clareza na Instrução; e .85 para a Sensibilidade e Timing na Instrução. O valor para cada escala de comportamentos maternos e paternos é a média dos valores dos dois codificadores.

Por fim, a análise dos dados recolhidos foi realizada com recurso ao programa informático estatístico, *IBM SPSS Statistics 22.0* para *Windows*, após a introdução dos resultados numa base de dados.

III. RESULTADOS

3.1. Dimensões dos Comportamentos Maternos e Paternos

As médias, desvios-padrão e valores mínimos e máximos para as dimensões da Sensibilidade Parental, Presença de Suporte, Intrusividade, Clareza na Instrução e Sensibilidade e Timing na Instrução de mães e pais são apresentadas no Quadro 3.1.

Considerando-se que a escala de Sensibilidade varia entre 1 e 9 valores, verifica-se que para as mães a média se situa acima do ponto médio da escala. Para as restantes dimensões as escalas variam entre 1 e 7 valores, verificando-se que a média da Presença de Suporte materno se encontra acima do ponto médio da escala, tal como nas dimensões de Clareza na Instrução e de Sensibilidade e Timing da Instrução. Apenas na Intrusividade a média se situou abaixo do ponto médio da escala. Os resultados obtidos para os pais indicam a mesma tendência.

Quadro 3.1.

Médias, Desvio-padrão e Valores Máximos e Mínimos das dimensões da qualidade dos Comportamentos de Mães e Pais.

Figura Parental	Dimensões da Qualidade	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Mãe	Sensibilidade	3.00	8.33	6.31	1.28
	Presença de Suporte	2.50	6.75	5.09	1.08
	Intrusividade	1.33	4.75	2.80	.80
	Clareza na instrução	2.25	6.50	4.63	1.11
	Sensibilidade e <i>Timing</i> da Instrução	3.00	6.33	4.88	.94
Pai	Sensibilidade	2.50	7.50	5.36	1.23
	Presença de Suporte	2.50	6.16	4.61	.99
	Intrusividade	2.00	5.50	3.38	.88
	Clareza na instrução	2.00	6.50	4.01	.91
	Sensibilidade e <i>Timing</i> da Instrução	2.00	6.00	4.35	1.02

Seguidamente realizou-se um teste *t-Student* para amostras emparelhadas, no sentido de se comparar as médias de mães e pais nas diferentes dimensões dos comportamentos parentais. Não foram encontradas diferenças significativas entre os valores de mães e pais nas dimensões de Presença de Suporte ($t_{(29)} = -1.434, p = .162$), e Sensibilidade e Timing da Instrução ($t_{(29)} = -1.831, p = .077$). Existem, no entanto, diferenças significativas, nas dimensões de Sensibilidade ($t_{(29)} = -2.765, p = .010$); Intrusividade ($t_{(29)} = 2.674, p = .012$) e marginalmente significativas na Clareza na Instrução ($t_{(29)} = -2.012, p = .054$).

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

Posteriormente, de modo a analisar se as dimensões dos comportamentos parentais estariam relacionadas entre si, utilizou-se o Coeficiente de Correlação de Spearman (r). Existem correlações positivas e significativas entre todas as dimensões da qualidade dos comportamentos maternos e paternos, com a exceção das dimensões da Intrusividade Materna e Paterna, que se encontram significativamente correlacionadas, mas negativamente com as restantes dimensões. Ou seja, mães e pais com valores mais elevados de Sensibilidade, de Presença de Suporte, Clareza na Instrução, Sensibilidade e Timing na Instrução têm valores mais baixos de Intrusividade (Quadro 3.2).

Quadro 3.2.

Correlação do Coeficiente de Spearman entre as Dimensões da Qualidade dos Comportamentos Parentais

Figura Parental	Dimensões da Qualidade	Presença de Suporte	Intrusividade	Clareza na Instrução	Sensibilidade e Timing na Instrução
Mãe	Sensibilidade	.87**	-.64**	.75**	.92**
	Presença de Suporte		-.51**	.83**	.91**
	Intrusividade			-.47*	-.61**
	Clareza na Instrução				.83**
Pai	Sensibilidade	.92**	-.72**	.73**	.90**
	Presença de Suporte		-.66**	.80**	.93**
	Intrusividade			-.54*	-.72**
	Clareza na Instrução				.76**

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$.

3.2. Variáveis da criança e dos Pais

De seguida, testou-se a existência de diferenças em função do sexo das crianças, para as dimensões da qualidade dos comportamentos parentais, tendo-se realizado um teste t -Student para amostras independentes. As médias e desvios-padrão para os grupos encontram-se no Quadro 3.3.

Nem para a mãe, nem para o pai se encontraram diferenças significativas: Sensibilidade materna ($t_{(34)} = .188, p = .852$); Presença de Suporte materno ($t_{(34)} = .143, p = .887$); Intrusividade materna ($t_{(34)} = -.630, p = .533$); Clareza na Instrução materna ($t_{(34)} = .150, p = .881$), e Sensibilidade e Timing materno ($t_{(34)} = .108, p = .915$), Sensibilidade paterna ($t_{(31)} = .420, p = .677$); Suporte paterno ($t_{(31)} = .921, p = .364$); Intrusividade paterna ($t_{(31)} = -.241,$

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

$p = .811$); Clareza na Instrução paterna ($t_{(31)} = .520$, $p = .607$); Sensibilidade e Timing na Instrução paterno ($t_{(31)} = .386$, $p = .702$).

Quadro 3.3.

Médias das Dimensões dos Comportamentos de Mãe e Pai, em função do sexo da criança.

Dimensões dos Comportamentos	Mãe		Pai	
	Rapariga	Rapaz	Rapariga	Rapaz
	<i>M</i> (DP)	<i>M</i> (DP)	<i>M</i> (DP)	<i>M</i> (DP)
Sensibilidade	6.36 (1.30)	6.27 (1.28)	5.47 (1.43)	5.28 (1.10)
Presença de Suporte	5.12 (1.04)	5.06 (1.14)	4.79 (1.01)	4.47 (.97)
Intrusividade	2.70 (.82)	2.88 (0.81)	3.34 (.98)	3.42 (.83)
Clareza na Instrução	4.66 (1.12)	4.60 (1.14)	4.11 (.93)	3.94 (.91)
Sensibilidade e Timing na Instrução	4.90 (.95)	4.87 (0.95)	4.43 (1.03)	4.29 (1.04)

Testou-se, ainda, a associação da qualidade dos comportamentos parentais com a idade da criança, não se tendo encontrado correlações significativas com nenhuma das dimensões.

Controlaram-se, também, possíveis associações com variáveis sociodemográficas dos pais tendo-se verificado que para as habilitações literárias das mães existem correlações positivas e significativas com a Sensibilidade ($r(35) = .47$, $p = .004$); Presença de Suporte ($r(35) = .50$, $p = .002$); Clareza na Instrução ($r(35) = .52$, $p = .001$); Sensibilidade e Timing da instrução ($r(35) = .50$, $p = .002$). Para os pais encontraram-se correlações positivas significativas com a Sensibilidade ($r(32) = .48$, $p = .005$); Presença de Suporte ($r(32) = .40$, $p = .022$); Sensibilidade e Timing da Instrução ($r(32) = .44$, $p = .011$). Assim, quanto mais elevadas as habilitações literárias de mães e pais, mais elevada a qualidade dos comportamentos nestas dimensões.

Verificou-se, ainda, uma correlação negativa entre a dimensão da sensibilidade e o número de horas de trabalho, mas apenas para as mães ($r(34) = -.36$, $p = .034$), ou seja quanto mais horas as mães trabalham, mais baixos os seus valores na escala de sensibilidade.

3.3. Concordância no Casal

Por fim, e dado a amostra ser composta por casais calculou-se, ainda, as associações entre as dimensões da qualidade dos comportamentos parentais ao nível da díade/casal. Não existem correlações estatisticamente significativas entre as dimensões materna e paterna na Sensibilidade ($r(30) = .29$, $p = .112$); Presença de Suporte ($r(30) = .23$, $p = .213$);

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNNOS E PATERNNOS

Intrusividade ($r(30) = .31, p = .096$; Clareza na Instrução ($r(30) = .17, p = .361$);

Sensibilidade e Timing da Instrução ($r(30) = .34, p = .060$).

IV. DISCUSSÃO

A qualidade da parentalidade é fundamental para um desenvolvimento ajustado e saudável das crianças, reconhecendo-se atualmente não só o papel das mães como, também, dos pais. Neste contexto, diversas questões relativas às características, semelhanças e diferenças no tipo e qualidade de comportamentos, assim como, dos contextos de interação ou das especificidades do seu impacto na criança, têm estado no centro da investigação mais atual (e.g., Hallers-haalboom et al., 2014; Hallers-haalboom, Mesman, Groeneveld, Berkel, et al., 2015; Lamb, 2010). Apesar do interesse e aumento dos estudos, que incluem a figura paterna, os resultados nem sempre são consistentes, em particular no contexto português (Alves et al., 2015; Castro, 2015; Fuertes et al., 2015). O presente estudo procurou ser uma mais valia neste sentido, ao analisar cinco dimensões da qualidade dos comportamentos de mães e pais numa amostra de famílias nucleares portuguesas, com crianças em idade pré-escolar.

Segundo Carter e McGoldrick (1999), a fase da Família com crianças pequenas implica a reestruturação do casal, para aceitarem os novos membros no sistema familiar, colaborando nas tarefas domésticas e de cuidado das crianças, bem como nas exigências financeiras familiares inerentes. No que diz respeito às tarefas domésticas e cuidado das crianças, as mulheres continuam a assumir um papel preponderante, comparativamente aos homens. Ainda que continuem a ser vistos como companheiros de brincadeira e um suporte ao papel cuidador das mães, existem evidências do progressivo envolvimento paterno na vida das crianças (Brown & Neff, 2015; Lamb, 2012; Perista et al., 2016). Por outro lado, as mães, especialmente com filhos pequenos, têm vindo a contribuir cada vez mais para as necessidades financeiras, resultado da sua crescente entrada no mercado de trabalho nas últimas décadas, aproximando-se cada vez mais do papel de provedor da família, típico dos pais (Cooklin et al., 2015; Huerta et al., 2011; Perista et al., 2016). Estes factores contribuem para a realidade atual de famílias de duplo rendimento, em que os dois cônjuges trabalham e em que a educação dos filhos ocorre num contexto de equilíbrio entre exigências familiares e laborais, podendo por vezes a capacidade ou dificuldade em gerir ambas ter um efeito positivo ou negativo na qualidade da parentalidade (Cooklin et al., 2015).

Relativamente à qualidade dos comportamentos parentais, a Sensibilidade Parental (Ainsworth, 1999) é uma componente central. Nesta dimensão verificou-se que, tanto mães, como pais apresentam valores médios de sensibilidade acima do ponto médio da escala. No entanto, existem diferenças significativas entre mães e pais. O valor médio das mães é

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

indicativo de comportamentos sensíveis, sendo as mães atentas, contingentes e responsivas aos sinais das crianças e capazes de ver as situações pelo ponto de vista das mesmas, interpretando corretamente os seus sinais. São, também, contingentes aos sinais da criança, ou seja, nenhuma verbalização ou sinal da criança fica sem resposta, podendo estas ser apenas menos sensíveis, prontas ou adequadas face a mães com maiores níveis de sensibilidade (Ainsworth, 1999). Relativamente aos pais, os valores são indicativos de pais que são sensíveis, de forma inconsistente, caracterizando-se por apresentarem algumas falhas relativas à atenção e contingência na resposta aos sinais sendo, no entanto, mais frequentemente sensíveis do que insensíveis às crianças (Ainsworth, 1999). Estes dados vão ao encontro dos resultados obtidos noutros estudos por diversos autores (Barnett et al., 2008; Fuertes et al., 2015; Hallers-Haalboom et al., 2014). Estes indicam que apesar das diferenças significativas encontradas entre pais e mães, ambos tendem a apresentar valores de sensibilidade médios a elevados.

Ainda que, dados recentes apontem para um progressivo envolvimento do pai em vários domínios da vida da criança e para o surgimento de uma partilha mais igualitária nos cuidados e responsabilidade sobre a criança (Braungart-Rieker et al., 2001; Brown & Neff, 2015; Lamb, 2010), continuam a existir diferenças entre a quantidade de tempo que mães e pais (portugueses) passam em interação direta com os seus filhos. Este factor pode contribuir para que, embora ambos os valores apontem para comportamentos marcados pela sensibilidade, as mães apresentem níveis mais elevados. Considerando que as mães passam, tendencialmente, mais tempo, quer a cuidar, quer a brincar com as crianças, tal poderá ser facilitador de um maior conhecimento e melhor interpretação dos sinais e necessidades das crianças, o que pode traduzir-se em valores de Sensibilidade mais elevados para mães (Barnett et al., 2008; Fuertes et al., 2015; Stevenson & Crnic, 2013; Wall, 2015; Yeung et al., 2001). Leaper et al. (1998) identificaram que os pais tendem a ser mais orientados para o objetivo das atividades, podendo demonstrar maiores dificuldades em dividir a sua atenção entre as crianças e as tarefas concorrentes e por isso falhar, por vezes, na sua atenção, coordenação e contingência nas respostas aos sinais da criança.

Nas dimensões de Suporte Parental, Clareza na Instrução e Sensibilidade na Instrução, o padrão foi semelhante ao registado na dimensão da Sensibilidade, para os valores médios de mães e pais. Na dimensão da Intrusividade os valores médios encontram-se abaixo do ponto médio da escala, como seria expectável, já que indicam baixos níveis de intrusividade.

Ao nível do Suporte, ambos os pais, nesta amostra, são capazes de providenciar suporte emocional positivo, reafirmação e confiança nas capacidades da criança, exibindo por

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

vezes falhas, quando a criança necessita de mais apoio ou não se adaptando às necessidades desta, o que remete para um nível de suporte parental médio (Egeland et al., 1990). Na realidade, não existem diferenças significativas entre os valores de mães e pais, para esta dimensão. Estes resultados são concordantes com os de outros estudos (e.g., Cabrera et al., 2007; Martin et al., 2010; Ryan, Martin, & Brooks-Gunn, 2006). Alves et al. (2015), numa amostra portuguesa, constataram que em contexto de jogo livre, mães e pais passavam grande parte do seu tempo de brincadeira a reforçar positivamente os filhos. Fernandes (2015), salientou ainda que a qualidade interativa, que implica a empatia, desafio, reciprocidade e cooperação entre díades mãe-criança e pai-criança, não variou significativamente no seu estudo, também, com uma amostra portuguesa.

Relativamente à Intrusividade, mães e pais tendem a apresentar valores médios relativamente baixos. No entanto, comparativamente, as mães apresentam valores significativamente mais baixos. Os resultados obtidos nesta amostra vão no sentido dos reportados por outros estudos (e.g., Barnett et al., 2008; Hallers-Haalboom et al., 2014; Leaper et al., 1998). Salienta-se, o estudo de Alves et al. (2015), numa amostra portuguesa, que registou que pais interrompem mais as atividades das crianças com chamadas de atenção e interrupções físicas, do que as mães. Tal poderá ser reflexo da tendência descrita por Leaper et al. (1998), dos pais serem mais orientados para o objectivo da tarefa e para utilizarem discurso mais diretivo, podendo estas características dos comportamentos paternos estar associadas a alguma intrusividade, devido à interferência que causam na atividade das crianças; sendo assim descritos como mais intrusivos, comparativamente com as mães (Hallers-Haalboom et al., 2014).

Ao nível da Clareza na Instrução, ou seja, a capacidade dos pais de providenciar instruções de forma útil, dando feedback à criança sobre o seu desempenho, os valores de mães e pais são indicativos de que ambos são capazes de providenciar instruções apropriadas, aumentando a sua especificidade, para que a criança possa utilizá-las para resolver os problemas. Por vezes, demonstram alguns lapsos de clareza, (e.g. não utilizar feedback positivo) ou quase resolvem o problema pela criança, mas de forma que a esta ache que o solucionou sozinha (e.g. colocar uma peça do puzzle no sítio certo e deixar a criança encaixar). As diferenças encontradas entre mães e pais são marginalmente significativas, indo no sentido dos estudos que identificam as mães como sendo mais competentes na instrução, que os pais (Alves et al., 2015; Fuertes et al., 2015; Gauvain et al., 2002; Leaper et al., 1998).

Alves et al. (2015) procuram explicar estas diferenças com base nas características de mães e pais, ao fornecerem instruções. As mães tendem a utilizar mais comportamentos

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

verbais e estruturar mais o ambiente da interacção (e.g. dividir a tarefa em tarefas menores para aumentar as chances de sucesso das crianças), enquanto os pais utilizam mais comportamentos não-verbais e dão mais instruções sobre o funcionamento dos brinquedos. Tendo em conta que a estruturação do ambiente e as instruções verbais são critérios centrais à dimensão da Clareza na Instrução, coloca-se a hipótese de que as mães demonstram mais comportamentos neste sentido, e por isso apresentam valores mais elevados, comparativamente aos pais. Também Darquise, Pomerlean e Malcuit (2006) argumentam no mesmo sentido, identificando mais especificidades associadas à instrução das mães e pais e que podem explicar as diferenças encontradas, indicando que as mães tendem a envolver-se em mais interacções diretas com as crianças e que por isso demonstram maior conhecimento do que as crianças são capazes (ou não) de fazer autonomamente. Tal coloca os pais em desvantagem, pois estes tendem a utilizar determinadas interacções e verbalizações, apenas quando consideram que os filhos são mais autónomos e por isso capazes de lhes responder de modo apropriado. Assim, pais menos envolvidos, poderão não assistir à emergência das competências das crianças e por isso, não se sentir confortáveis a fazer determinados pedidos e perguntas às crianças, por não terem conhecimento da capacidade e autonomia das mesmas.

Na Sensibilidade e Timing da Instrução que se refere à coordenação das instruções ou pistas dadas à criança, como resposta aos seus esforços e acções na tarefa, não foram encontradas diferenças significativas entre mães e pais, sendo ambos capazes de fornecer instruções, e fornecer pistas coordenadas com os esforços da criança. Tal poderá ser explicado segundo Grossmann et al. (2002) pela particularidade da sensibilidade paterna, que assenta na sensibilidade no contexto de brincadeira, assim, utilizando a Tarefa dos 3 Sacos, que permite captar a sensibilidade na brincadeira e estimular o factor “novidade” à criança, pode ter contribuído para uma análise mais semelhante dos pais, ao colocá-los num contexto familiar, para providenciarem suporte (Brady-smith, Brien, Berlin, Ware, & Brooks-Gunn, 1999; NICHD Early Child Care Research Network, 2000). Tal poderá permitir que o suporte prestado às crianças funcione como mais do que um complemento ao papel cuidador da mãe, contrariamente ao que se observa nos estudos em que as interacções tem lugar em contextos de prestação de cuidados, com crianças mais pequenas. (Fuertes et al., 2015; Grossmann et al., 2002; Posada et al., 2002).

Também a idade das crianças, aquando das observações, deve ser considerada. A partir dos 2 anos, com a aquisição de maiores capacidades motoras, estas expandem a necessidade de exploração do ambiente, levando a segurança e o suporte sensível na exploração a tornarem-se mais salientes. É nesta fase em particular, que a figura paterna

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

poderá assumir um papel relevante enquanto parceiro de interacção, devido à diminuição da necessidade de cuidados diretos constantes e desenvolvimento de novas competências da criança, nomeadamente, cognitivas, emocionais e verbais envolvendo-se em mais interacções diretas com a criança e obtendo maior gratificação na interacção nas mesmas (Bureau et al., 2017; Hofferth et al., 2002; LaFreniere, 2010; Lamb, 1977).

As correlações entre as cinco dimensões da qualidade dos comportamentos parentais foram, também, analisadas sendo todas elas significativas. Tal sugere que a análise integrada da qualidade da parentalidade, em detrimento do foco em componentes centrais, como a sensibilidade, poderá permitir compreender de modo mais adequado a sua influência, não só no desenvolvimento das crianças como, também, na parentalidade em si (Dunst & Kassow, 2004; Lamb, 1977, 2012; Leerkes et al., 2009; Lucassen et al., 2013; Malmberg et al., 2016; Raby et al., 2015; ver World Health Organization, 2004). Como seria expectável, para mães e pais, as associações entre a intrusividade e as restantes dimensões são negativas, indo ao encontro dos resultados descritos na literatura (e.g., Cabrera et al., 2007; Hallers-haalboom et al., 2015; Ispa et al., 2004; Tamis-lemonda, Shannon, Cabrera, & Lamb, 2004), nomeadamente, com amostras portuguesas (Alves et al., 2015; Carvalho et al., 2012; Cerqueira, 2013).

Relativamente às características da criança, i.e. idade e sexo, não se registaram associações ou diferenças significativas para nenhuma das dimensões da parentalidade. Por e.g., em relação ao sexo da criança este resultado é congruente com outros estudos onde se comparam pais e mães, controlando o sexo da criança (Endendijk, Groeneveld, Bakermans-kranenburg, & Mesman, 2016; Fuertes et al., 2015; Tamis-lemonda et al., 2004).

Ao nível das associações com variáveis sociodemográficas para a mãe, encontraram-se correlações positivas e significativas entre a Sensibilidade, Suporte, Clareza e Sensibilidade e Timing da Instrução e as habilitações literárias. Tal indica, que nesta amostra, mães com habilitações literárias mais elevadas são mais sensíveis, apoiantes e competentes ao providenciar instruções. Estas associações são, também, descritas noutros estudos (Castro, 2015; Fernandes, 2015; Fuertes et al., 2015; Tamis-lemonda et al., 2004). Castro (2015) considera que mães com habilitações literárias mais elevadas se dedicam mais aos filhos, nos cuidados e na brincadeira, mostrando maior sensibilidade aos seus sinais e respondendo de forma mais eficaz aos mesmos. Contudo, importa salientar que tal não se deve a um maior grau de escolaridade em si, mas à procura e obtenção de maior conhecimento sobre o desenvolvimento da criança e sobre a sua própria influência no mesmo, que leva a que sejam consideradas mais sensíveis, mais competentes a dar instruções e menos intrusivas.

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

Para o pai verificaram-se associações positivas e significativas entre a Sensibilidade, Suporte, e Sensibilidade e Timing da Instrução e as habilitações literárias dos mesmos (Cabrera et al., 2007; Fernandes, 2015; Fuertes et al., 2015; Tamis-lemonda et al., 2004) Segundo Cabrera et al. (2007) e Tamis-lemonda et al. (2004) é possível que pais com habilitações literárias mais elevadas tendem a envolver-se em diversos contextos da vida da criança, em detrimento de se cingirem ao contexto tradicional de brincadeira, mais associado a pais com menores habilitações literárias (e.g., Monteiro et al., 2010). Pais com habilitações literárias mais elevadas parecem estar mais motivados para a parentalidade e por isso, à semelhança das mães, procuram ou possuem um maior conhecimento das necessidades dos filhos e do desenvolvimento das suas competências, o que faz com que sejam capazes de providenciar mais suporte à criança, sendo também mais atentos e sensíveis aos seus sinais e necessidades (e.g., Cabrera et al., 2007; Tamis-lemonda et al., 2004)

Verificou-se, ainda, uma associação negativa e significativa entre as horas de trabalho da mãe e a sua sensibilidade, ou seja, quanto mais horas as mães trabalham, menores os valores de sensibilidade observados. Outros estudos indicam associações semelhantes, como Brooks-Gunn, Han e Waldfogel (2002) que verificaram que as mães que trabalhavam mais de 30 horas semanais, apresentavam valores mais baixos de sensibilidade, numa avaliação realizada aos 6 meses das crianças, apresentando estas valores mais baixos num teste de desenvolvimento cognitivo aos 24 e 36 meses. Burchinal e Clarke-Stewart (2007) consideram que o emprego precoce materno e a intensidade do mesmo como factores de risco para a relação mãe-criança e para o desenvolvimento da criança, particularmente, quando associados à maior quantidade de horas passadas na creche. Outro estudo, analisando mães em interacção com os filhos ao longo dos primeiros 3 anos de vida da criança, considerou que as horas que a criança passa na creche, as características da mãe (e.g., sintomas depressivos e habilitações literárias), as características da criança (e.g., percepção de temperamento difícil da criança) e o menor suporte ou ausência de um cônjuge ou companheiro contribuem para valores menores de sensibilidade desta face aos filhos e com os mesmos (NICHD Early Child Care Research Network, 1999).

Por fim, não se verificaram correlações entre as dimensões da qualidade dos comportamentos de mães e pais, sendo este resultado consistente com o obtido por Malmberg et al. (2016) sugerindo que apesar da sensibilidade parental não se encontrar correlacionada no casal, a sensibilidade materna e paterna contribuem paralelamente para o desenvolvimento da criança.

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

Será necessário indicar que o presente estudo teve algumas limitações, nomeadamente, o reduzido número da amostra, sendo a aceitação por parte de mães e pais para participarem bastante reduzida. Tal poderá dever-se ao facto de a realização das filmagens implicar a deslocação dos pais à escola e pela necessidade dos pais em serem filmados a interagir com os filhos.

Apesar do rigor colocado na codificação dos dados, e apesar de existirem 6 codificadores, estes dados foram recolhidos ao longo de 5 anos, pelo que não foi possível garantir que em toda as díades os dois codificadores (independentes) das mães fossem distintos dos dois codificadores das díades pai/criança. Contudo, garantiu-se que pelo menos um o era. Saliente-se que foram realizados acordos para 100% da amostra.

Os resultados obtidos neste estudo contribuíram para a literatura comparativa de mães e pais, em particular, no contexto português (Alves et al., 2015; Carvalho et al., 2012; Castro, 2015; Cerqueira, 2013; Figueiredo et al., 2014; Fuertes et al., 2015), salientando a existência de diferenças mas, também, de semelhanças na qualidade dos comportamentos parentais, e da potencialidade de se poder trabalhar com ambas as figuras, no sentido de um desenvolvimento do adulto e da criança ajustados.

Assim, estes resultados têm implicações para práticas futuras, onde ambos os pais devem ser envolvidos e considerados quando se pensa em intervenções com famílias, e em particular, no âmbito da vinculação e das competências cognitivas e socio-emocionais das crianças, considerando-se que intervenções que incluem, simultaneamente, mães e pais são mais eficazes na mudança de padrões desenvolvimentais desadaptativos das crianças (Bakermans-Kranenburg, van IJzendoorn, & Juffer, 2003; Beijersbergen et al., 2012; Cabrera, Fagan, Wight, & Schadler, 2011; Martin et al., 2010)

Para estudos futuros, sugere-se o foco nas dimensões da qualidade dos comportamentos parentais e a sua articulação com o envolvimento paterno em diferentes atividades/dimensões relacionadas com a criança, para além dos cuidados e brincadeira. Nomeadamente, analisar em que medida um envolvimento igualitário poderá estar a ter impacto na qualidade dos comportamentos dos pais, quer no sentido positivo, quer negativo (Brown & Neff, 2015; NICHD, 2000; Yeung et al., 2001).

Propõe-se igualmente o estudo das dimensões da qualidade da parentalidade de mães e pais, equacionando faixas etárias superiores à utilizada neste estudo (e.g. crianças em idade escolar), visto que os comportamentos dos cuidadores tem de se adaptar consoante o desenvolvimento e as exigências das crianças, seria interessante compreender em que medida, mães e pais diferem (ou não), e em que dimensões, comparativamente a crianças mais velhas,

QUALIDADE DOS COMPORTAMENTOS MATERNOS E PATERNOS

cujas exigências são diferentes às de crianças em idade pré-escolar (Carter & McGoldrick, 1999; Martin et al., 2010).

BIBLIOGRAFIA

- Ainsworth, M. D. (1999). Maternal Sensitivity Scales: The Baltimore Longitudinal Project (1969).
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. *Journal of the American Academy of Religion* (Vol. 52). <http://doi.org/10.1093/jaarel/52.2.411-a>
- Ainsworth, M. D. S., & Wittig, B. A. (1969). Attachment and the exploratory behaviour of one-year-olds in a strange situation. *Determinants of Infant Behaviour*, 4(4), 113–136.
- Alves, M. J., Fuertes, M., & Sousa, O. (2015). Comportamentos interativos mãe- filho(a) e pai-filho (a) aos 15 meses de. In *Atas do II Encontro de Mestrados em Educação da Escola Superior da Educação de Lisboa* (pp. 17–25).
- Bakermans-Kranenburg, M. J., van IJzendoorn, M. H., & Juffer, F. (2003). Less is more: Meta-analyses of sensitivity and attachment interventions in early childhood. *Psychological Bulletin*, 129(2), 195–215. <http://doi.org/10.1037/0033-2909.129.2.195>
- Barnard, K. E., & Solchany, J. E. (2002). Mothering. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting, Being and becoming a parent*, (Vol. 3, pp. 3–27). Lawrence Erlbaum Associates.
- Barnett, M. A., Deng, M., Mills-Koonce, W. R., Willoughby, M., & Cox, M. (2008). Interdependence of parenting of mothers and fathers of infants. *Journal of Family Psychology*, 22(4), 561–573. <http://doi.org/10.1037/0893-3200.22.3.561>
- Beijersbergen, M. D., Juffer, F., Bakermans-Kranenburg, M. J., & van IJzendoorn, M. H. (2012). Remaining or becoming secure: Parental sensitive support predicts attachment continuity from infancy to adolescence in a longitudinal adoption study. *Developmental Psychology*, 48(5), 1277–1282. <http://doi.org/10.1037/a0027442>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment*. *Attachment* (Vol. 1). <http://doi.org/10.1177/000306518403200125>
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and prospect. *American journal of Orthopsychiatry*, 52(4), 664.
- Bowlby, J. (1984). *Violence in the family as a disorder of the attachment and caregiving systems*. Association for the Advancement of Psychoanalysis.
- Bornstein, M. H. (2002). Parenting infants. *Handbook of parenting*, 1, 3-43.
- Brady-Smith, C., O'Brien, C., Berlin, L., & Ware, A. (1999). 24-Month child-parent interaction Rating scales for the Three-Bag assessment. *New York: Teachers College, Columbia University*.
- Braungart-Rieker, J. M., Garwood, M. M., Powers, B. P., & Wang, X. (2001). Parental sensitivity, infant affect, and affect regulation: Predictors of later attachment. *Child Development*, 72(1), 252–270. <http://doi.org/10.1111/1467-8624.00277>

- Braungart-Rieker, J. M., Zentall, S., Lickenbrock, D. M., Ekas, N. V., Oshio, T., & Planalp, E. (2014). Attachment in the Making: Mother and Father Sensitivity and Infants' Responses during the Still-Face Paradigm *Julia*, (0), 63–84.
<http://doi.org/10.1016/j.jecp.2014.02.007>
- Brooks-Gunn, J., Han, W.-J., & Waldfogel, J. (2002). Maternal Employment and Child Cognitive Outcomes in the First Three Years of Life: The NICHD Study of Early Child Care. *Child Development*, 73(4), 1052–1072. <http://doi.org/10.1111/1467-8624.00457>
- Brown, G. L., & Neff, C. (2015). Attachment Security in the First Three Years, 26(3), 421–430. <http://doi.org/10.1037/a0027836.Father>
- Brown, G., McBride, B., Shin, N., & Bost, K. (2007). Parenting Predictors of Father-Child Attachment Security: Interactive Effects of Father Involvement and Fathering Quality. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers*, 5(3), 197–219. <http://doi.org/10.3149/fth.0503.197>
- Burchinal, M. R., & Clarke-Stewart, K. A. (2007). Maternal employment and child cognitive outcomes: The importance of analytic approach. *Developmental Psychology*, 43(5), 1140–1155. <http://doi.org/10.1037/0012-1649.43.5.1140>
- Bureau, J. F., Martin, J., Yurkowski, K., Schmiedel, S., Quan, J., Moss, E. & Pallanca, D. (2017). Correlates of child–father and child–mother attachment in the preschool years. *Attachment and Human Development*, 19(2), 130–150.
<http://doi.org/10.1080/14616734.2016.1263350>
- Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & Tamis-LeMonda, C. S. (2007). Fathers' Influence on Their Children's Cognitive and Emotional Development: From Toddlers to Pre-K. *Applied Developmental Science*, 11(4), 208–213.
<http://doi.org/10.1080/10888690701762100>
- Cabrera, N. J., Fagan, J., Wight, V., & Schadler, C. (2011). Influence of Mother, Father, and Child Risk on Parenting and Children's Cognitive and Social Behaviors. *Child Development*, 82(6), 1985–2005. <http://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2011.01667.x>
- Carter, E., & McGoldrick, M. (1999). Overview: The Expanded Family Life Cycle. *The Expanded Family Life Cycle : Individual, Family, and Social Perspectives*, 1–28.
- Carvalho, J., Martins, C., Martins, E. C., Osório, A., Carvalho, M. J., & Soares, I. (2012). Scaffolding verbal materno no âmbito de uma tarefa de elicitación narrativa em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 30(4), 359–371.
- Castro, S. A. P. C. de. (2015). *Estudo Comparativo de Linguagem e dos Comportamentos Interativos Pais- Filhos aos 15 Meses de Vida*. Instituto Politécnico de Lisboa.
- Cerqueira, I. F. L. (2013). *Qualidade do jogo de “faz-de-conta” em crianças na idade pré-escolar: Relação com o scaffolding paterno*. Universidade do Minho.
- Cooklin, A. R., Westrupp, E., Strazdins, L., Giallo, R., Martin, A., & Nicholson, J. M. (2015). Mothers' work-family conflict and enrichment: Associations with parenting quality and couple relationship. *Child: Care, Health and Development*, 41(2), 266–277.

<http://doi.org/10.1111/cch.12137>

- Darquise, L., Pomerlean, A., & Malcuit, G. (2006). A Comparison of fathers and mothers involvement in child care and stimulation behaviours during free play with their infants. *Sex Roles.*, 47.
- Devlin, B. (2012). *The effect of maternal quality of instruction and support of development on toddler's mastery motivation.*
- Dunst, C. J., & Kassow, D. Z. (2004). Caregiver Sensitivity , Contingent Social Responsiveness , and Secure Infant Attachment. *Journal of Early and Intensive Behavior Intervention*, 5(1), 40–56. <http://doi.org/10.1037/h0100409>
- Egeland, B., Ph, D., Erickson, M. F., Ph, D., Hiester, M. K., & Korfmachis, J. (1990). 24 Month tools coding manual Project steep-revised 1990 From parent-child project scales-1978.
- Endendijk, J. J., Groeneveld, M. G., Bakermans-kranenburg, M. J., & Mesman, J. (2016). Gender-Differentiated Parenting Revisited: Meta-Analysis Reveals Very Few Differences in Parental Control of Boys and Girls. *PLoS One*, 11(7), 1–33. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0159193>
- Faria, A., dos Santos, P. L., & Fuertes, M. (2014). Pais e Mães protegem, acarinhos e brincam de formas diferentes. *Análise Psicológica*, 32(4), 419–438. <http://doi.org/10.14417/ap.698>
- Fernandes, I. M. dos S. J. (2015). *Será o género dos filhos ou dos pais? Estudo sobre o efeito de género das crianças e dos pais na qualidade da interacção, comunicação e atividade conjunta.* Insituto Politécnico de Lisboa.
- Figueiredo, A. M., Mateus, V., Osório, A., & Martins, C. (2014). A contribuição da sensibilidade materna e paterna para o desenvolvimento cognitivo de crianças em idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 32(2), 231–242. <http://doi.org/10.14417/ap.842>
- Fuertes, M., Faria, A., Beeghly, M., & Lopes-Dos-Santos, P. (2015). The Effects of Parental Sensitivity and Involvement in Caregiving on Mother-Infant and Father-Infant Attachment in a Portuguese Sample. *Journal of Family Psychology : JFP : Journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 30(1), 147–156. <http://doi.org/10.1037/fam0000139>
- Gauvain, M., Fagot, B. I., Leve, C., & Kavanagh, K. (2002). Instruction by mothers and fathers during problem solving with their young children. *Journal of Family Psychology : Journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 16(1), 81–90. <http://doi.org/10.1037/0893-3200.16.1.81>
- George, C., & Solomon, J. (2008). The caregiving system: A behavioral systems approach to parenting. In Cassidy, J., & Shaver, P. R. (Eds.) *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 833-856)
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch,

- H., & Zimmermann, P. (2002). The Uniqueness of the Child-Father Attachment Relationship: Fathers' Sensitive and Challenging Play as a Pivotal Variable in a 16-year Longitudinal Study. *Social Development, 11*(3), 301–337. <http://doi.org/10.1111/1467-9507.00202>
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Kindler, H., & Zimmermann, P. (2008). A Wider View of Attachment and Exploration: The influence of mothers and fathers on the development of psychological security from infancy to young adulthood. In Cassidy, J., & Shaver, P. R. (Eds.) *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 857-879)
- Hallers-Haalboom, E. T., Mesman, J., Groeneveld, M. G., Berkel, S. R. Van, Endendijk, J. J., Pol, L. D. Van Der, Bakermans-Kranenburg, M. J. (2015). Mothers' and fathers' sensitivity towards two children: A longitudinal study from infancy to early childhood. In *Mothers and fathers : parenting practices in families with two children* (pp. 44–63). Leiden University.
- Hallers-Haalboom, E. T., Mesman, J., Groeneveld, M. G., Endendijk, J. J., van Berkel, S. R., van der Pol, L. D., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2014). Mothers, fathers, sons and daughters: Parental sensitivity in families with two children. *Journal of Family Psychology, 28*(2), 138–147. <http://doi.org/10.1037/a0036004>
- Hofferth, S.L., Pleck, J., Stueve, J. L., Bianchi, S. & Sayer, (2002). The Demography of Fathers : What fathers do. In Tamis-LeMonda, C. S. *Handbook of Father Involvement : Multidisciplinary perspectives* (pp. 63-90). Lawrence Erlbaum Associates.
- Huerta, C., Adema, W., Baxter, J., Corak, M., Deding, M., Gray, M. C., ... Waldfogel, J. (2011). Early maternal employment and child development in five OECD countries. *Social Policy, (118)*. <http://doi.org/10.1787/1815199x>
- Ijzendoorn, M. H. Van, Sagi, A., & Lambermon, M. W. E. (1975). The Multiple Caretaker Paradox : Data from Holland and Israel.
- Isabella, R. A., Belsky, J., & von Eye, A. (1989). Origins of infant-mother attachment: An examination of interactional synchrony during the infant's first year. *Developmental Psychology, 25*(1), 12–21. <http://doi.org/10.1037//0012-1649.25.1.12>
- Ispa, J. M., Fine, M. A., Halgunseth, L. C., Harper, S., Robinson, J. A., Boyce, L. & Brady-Smith, C. (2004). Maternal intrusiveness, maternal warmth, and mother-toddler relationship outcomes: Variations across low-income ethnic and acculturation groups. *Child Development, 75*(6), 1613–1631. <http://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00806.x>
- Kwon, K., & Jeon, H. (2012). Mothers' and Fathers' Parenting Quality and Toddlers' Interactive Behaviours in Dyadic and Triadic Family Contexts, *373*(February), 356–373. <http://doi.org/10.1002/icd>
- LaFreniere, P. J. (2010). *Adaptive Origins*. New York: Taylor & Francis Group, LLC.
- Lamb, M. E. (1977). Father-Infant and Mother-Infant Interaction in the First Year of Life, *48*(1), 167–181.

- Lamb, M. E. (2010). *The Role of the Father in Child Development* (5^o ed.).
- Lamb, M. E. (2012). Mothers, Fathers, Families, and Circumstances: Factors Affecting Children's Adjustment. *Applied Developmental Science, 16*(2), 98–111. <http://doi.org/10.1080/10888691.2012.667344>
- Leaper, C., Anderson, K. J., & Sanders, P. (1998). Moderators of gender effects on parents' talk to their children: A meta-analysis. *Developmental Psychology, 34*(1), 3–27. <http://doi.org/10.1037/0012-1649.34.1.3>
- Leerkes, E. M., Nayena Blankson, A., & O'brien, M. (2009). Differential Effects of Maternal Sensitivity to Infant Distress and Nondistress on Social-Emotional Functionin. *Child Development, 80*(3), 762–775. <http://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2009.01296.x>
- Lewis, C. N., & Lamb, M. E. (2003). Fathers' influences on children's development. The evidence from two-parent families. *European Journal of Psychology of Education, 18*(2), 211–228. <http://doi.org/10.1007/BF03173485>
- Lucassen, N., Tiemeier, H., Marielle, L., Bakermans-Kranenburg, M. J., van Ijzendoorn, M. H., Jaddoe, V. W. V. & Berg, M. (2013). Do fathers matter? In search of causes and consequences of parental sensitivity. In N. Lucassen (Ed.), *Do fathers matter? In search of causes and consequences of parental sensitivity* (pp. 45–58).
- Malmberg, L. E., Lewis, S., West, A., Murray, E., Sylva, K., & Stein, A. (2016). The influence of mothers' and fathers' sensitivity in the first year of life on children's cognitive outcomes at 18 and 36months. *Child: Care, Health and Development, 42*(1), 1–7. <http://doi.org/10.1111/cch.12294>
- Martin, A., Ryan, R. M., & Brooks-Gunn, J. (2010). When fathers' supportiveness matters most: Maternal and paternal parenting and children's school readiness. *Journal of Family Psychology, 24*(2), 145–155. <http://doi.org/10.1037/a0018073>
- Matas, L., Arend, R. A., & Sroufe, L. A. (1978). Continuity of Adaptation in the Second Year: The Relationship between Quality of Attachment and Later Competence. *Child Development, 49*(3), 547. <http://doi.org/10.2307/1128221>
- Mesman, J., & Emmen, R. A. G. (2013). Mary Ainsworth's legacy: a systematic review of observational instruments measuring parental sensitivity. *Attachment & Human Development, 15*(5-6), 485–506. <http://doi.org/10.1080/14616734.2013.820900>
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica, 26*(3), 395–409. <http://doi.org/10.14417/ap.502>
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Pessoa e Costa, I., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspectiva do Pai Acerca do seu Envolvimento em Famílias Nucleares: Associações com o que é Desejado pela Mãe e com as Características da Criança. *Revista Interamericana de Psicologia, 44*(1), 120–130.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., Torres, N., & Fernandes, M. (2010). The organization of children's secure base behaviour in two-parent Portuguese

- families and father's participation in child-related activities. *European Journal of Developmental Psychology*, 7(5), 545–560. <http://doi.org/10.1080/17405620902823855>
- NICHD Early Child Care Research Network. (1999). Child care and mother-child interaction in the first 3 years of life. *Developmental Psychology*, 35(6), 1399–413. <http://doi.org/10.1037//0012-1649.35.6.1399>
- NICHD Early Child Care Research Network. (2000). Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children. NICHD Early Child Care Research Network. *Journal of Family Psychology of the American Psychological Association*, 14(2), 200–219. <http://doi.org/10.1037/0893-3200.14.2.200>
- Novo, R. M. R., & Prada, A. R. R. (2015). Retratos do envolvimento paterno com crianças em idade pré-escolar na cidade de Bragança. *EDUSER : Revista de Educação*, 7(2).
- Parke, R. D. (2002). Fathers and Families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting, Being and becoming a parent*, (Vol. 3, pp. 27–74). Lawrence Erlbaum Associates.
- Perista, H., Cardoso, A., Brázia, A., Abrantes, M., & Perista, P. (2016). *Os Usos do Tempo de Homens e de Mulheres em Portugal*.
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Pessoa e Costa, I. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 4(XXVIII), 565–580.
- Pleck, J. H. (2010) Paternal Involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In Lamb, M. E. (Ed). *The Role of the Father in Child Development* (5^o ed.) (pp. 58-93).
- Posada, G., Jacobs, A., Richmond, M. K., Carbonell, O. A., Alzate, G., Bustamante, M. R., & Quiceno, J. (2002). Maternal caregiving and infant security in two cultures. *Developmental Psychology*, 38(1), 67–78. <http://doi.org/10.1037//0012-1649.38.1.67>
- Pratt, M. W., Kerig, P., Cowan, P. a., & Cowan, C. P. (1988). Mothers and fathers teaching 3-year-olds: Authoritative parenting and adult scaffolding of young children's learning. *Developmental Psychology*, 24(6), 832–839. <http://doi.org/10.1037/0012-1649.24.6.832>
- Raby, K. L., Lawler, J. M., Shlafer, R. J., & Hesemeyer, P. S. (2016). Prospective , Longitudinal Study from Infancy to Adulthood, 51(1), 115–123. <http://doi.org/10.1037/a0038336>.The
- Raby, K. L., Roisman, G. I., Fraley, C. R., & Simpson, J. A. (2015). The Enduring Predictive Significance of Early Maternal Sensitivity: Social and Academic Competence Through Age 32 Years. *Child Development*, 3(86), 695–708. <http://doi.org/doi:10.1111/cdev.12325>
- Rubin, K. H., & Parker, J. (2006). *Handbook of Child Psychology*. <http://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0310>
- Russell, A., & Russell, G. (1994). Coparenting early school-age children: An examination

of mother^father interdependence within families. *Developmental Psychology*, 30(5), 757–770. <http://doi.org/10.1037/0012-1649.30.5.757>

Ryan, R. M., Martin, A., & Brooks-Gunn, J. (2006). Is One Good Parent Good Enough? Patterns of Mother and Father Parenting and Child Cognitive Outcomes at 24 and 36 Months. *Parenting*, 6(2-3), 211–228. <http://doi.org/10.1080/15295192.2006.9681306>

Schoppe-sullivan, S. J., Kolita, L., Rongfang, J., Lang, S. N., & Bower, D. J. (2013). Comparisons of levels and predictors of mothers and fathers engagement with their preschool aged children. *Early Child Dev Care*, 86(12), 3279–3288. <http://doi.org/10.1007/s11103-011-9767-z>.Plastid

Stevenson, M., & Crnic, K. (2013). Intrusive fathering , children ’ s self-regulation and social skills : a mediation analysis, 57, 500–512. <http://doi.org/10.1111/j.1365-2788.2012.01549.x>

Tamis-lemonda, C. S., Shannon, J. D., Cabrera, N. J., & Lamb, M. E. (2004). Fathers and Mothers at Play With Their 2- and 3-Year-Olds : Contributions to Language and Cognitive Development, 75(6), 1806–1820.

Torres, N., Verissimo, M., Monteiro, L., Ribeiro, O., & Santos, A. J. (2014). Domains of father involvement, social competence and problem behavior in preschool children. , 20(3), 188+. *Journal of Family Studies*, 20(3) <http://doi.org/doi:10.1080/13229400.2014.11082006>

Wall, K. (2015). Fathers in Portugal: From Old to New Masculinities. In J. L. Roopnarine (Ed.), *Father across Cultures : The importance of roles, and diverse practices of dads* (pp. 132–154). Praegar.

Wolff, M. S. De, & Ijzendoorn, M. H. Van. (1997). Sensitivity and Attachment : A Meta-Analysis on Parental Antecedents of Infant Attachment, 68(4), 571–591.

World Health Organization. (2004). The Importance of Caregiver-Child Interactions for the Survival and Healthy Development of Young Children, 1–95.

Yeung, W. J., Sandberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children’s time with fathers in intact families. *Journal of Marriage and Family*, 63(1), 136–154. <http://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2001.00136.x>